

Confusões e demarcações: um estudo tipológico das produções de eventos acadêmicos de Ciência da Religião e Teologia no Brasil

Misunderstandings and delimitations: a typological study of the Study of Religion and Theology academic works in their congresses in Brazil

Matheus Oliva da Costa¹

matheusskt@hotmail.com

Welder Lancieri Marchini²

welder.marchini@gmail.com

Resumo: Ciência da Religião (CR) e Teologia são áreas acadêmicas que, no Brasil, se desenvolvem com certa proximidade. Por outro lado, as distintas produções das áreas trazem as epistemologias e metodologias que lhe são próprias. Assim, este artigo se propõe a identificar as características próprias da Teologia e da CR, de modo a entender a singularidade de ambas as áreas. Assume-se como metodologia a revisão bibliográfica, somada ao levantamento de dados e criação de tipologias realistas sobre a produção de cada uma dessas áreas como critério teórico da pesquisa. Adentramos nas distinções, intersecções e confusões entre ambas as áreas. Como resultados, foi observado que no Brasil produções da CR muitas vezes se confundem com produções da Teologia, enquanto as produções de Teologia têm mais clareza sobre seu objeto e metodologia.

Palavras-chave: Classificação tipológica; prototeologia; criptoteologia; pseudo Ciência da Religião;

Abstract: The Study of Religion and the Theology have been developed together in the Brazilian Academy. On the other hand, each area has their own epistemologies and methodologies. Thus this paper proposes to identify the very characteristics of Theology and the Study of Religion, in order to understand what each area has of unique. The methodology applied is the bibliographical revision, added to the data collection and creation of realistic typologies on the academic works of each one of these areas as theoretical criterion of the research. It enters into the distinctions, intersections and

¹ Graduado (UNIMONTES-MG), mestre e doutorando (PUC-SP) em Ciência da Religião. Bolsista da CAPES/FUNDASP.

² Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP), Bolsista CAPES.

confusions between both areas. As a result, it was observed that the works of Study of Religion are often confused with works of Theology in Brazil, while the works of Theology have more clarity about its object and methodology.

Keywords: typological classification; proto-theology; crypto-theology; pseudo-Study of Religion;

1. Introdução

Inicialmente, a Ciência da Religião chega ao Brasil contando com grande presença de teólogos como docentes (MARQUES, ROCHA, 2007; CAMURÇA, 2008; TEIXEIRA, 2012; GROSS, 2012). Além disso, nos vários cursos de graduação e pós-graduação foram construídos corpos docentes bastante interdisciplinares. Todos estes pesquisadores de outras áreas levam o objeto e a metodologia que lhes são próprias para os cursos de Ciência da Religião. Acreditamos que isso tem impacto direto na produção da área, como as apresentadas em eventos científicos.

Contudo, historicamente a maioria dos cientistas das religiões tem buscado se diferenciar da forma teológica de estudar religiões, o que leva a crer que pode haver diferentes tipos de produção, que usam diversas referências acadêmicas. Para decifrar este cenário, adentramos no desafio de identificar a produção singular e distinta da Teologia e da Ciência da Religião.

Nesse sentido, nosso objeto de estudo são as produções de teólogos e cientistas das religiões em eventos acadêmicos no Brasil. Diante da multiplicidade da produção de pesquisadores dessas áreas, questionamos: o que diferencia as produções de teólogos e de cientistas das religiões em seus eventos acadêmicos? Como diferenciar e não confundir suas terminologias, métodos e objetivos? Quais suas semelhanças e suas diferenças? É o que buscamos responder. A hipótese inicial é que o entendimento do objeto e da metodologia próprios de cada área, na Teologia e na Ciência da Religião, tem impacto direto na sua produção.

O objetivo central, então, é refletir sobre critérios para caracterização da singularidade da produção de pesquisadores dessas áreas. A nossa metodologia se constitui de revisão bibliográfica, somada ao levantamento e

criação de tipologias sobre a produção de cada uma dessas áreas como critério teórico da pesquisa. Finalizamos com as análises de exemplos de produções que ilustram as tipologias utilizadas.

2. Discussão teórica

No intuito de buscar critérios para distinguir Teologia de Ciência da Religião, em especial no Brasil, mostraremos agora as conceituações de cada uma das áreas. Em seguida, apontaremos algumas semelhanças que observamos entre essas áreas – seus pesquisadores/as e produções – e levantaremos também algumas diferenças. Finalizamos essa parte mais teórica do texto elencando tipos de abordagens de estudo que existem nessas áreas, com ênfase nas abordagens menos explícitas.

2.1. Conceitos de Teologia e Ciência da Religião

Ao escrever sobre o método teológico, Clodovis Boff (1997, p. 17) define a Teologia como algo que “nasce do coração da própria fé”. Segundo o mesmo autor, a fé constitui-se de elementos cognitivo, afetivo e ativo (BOFF, 1997, p. 17). Seria então a fé um pressuposto básico para a produção teológica, entendendo-a como mobilização afetiva e cognitiva do sujeito que, baseando-se em sua produção, terá uma diretriz e orientação, não somente para sua vida particular, mas para a comunidade de fé à qual pertence.

Quanto ao seu método, o discurso êmico da Teologia diz que “ela trata todas as coisas à luz de Deus” (BOFF, 1997, p. 23). Na prática da produção teológica pode-se entender que o teólogo tem como princípio a experiência histórica da comunidade religiosa que está presente na Bíblia, mas também na tradição, entendida como a experiência constituída no período que sucede os escritos bíblicos.

Na ocupação de estabelecer um diálogo entre a produção teológica e a compreensão de Deus, o teólogo hodierno Andrés Torres Queiruga (2010, pp. 24-26) afirma que é necessária à Teologia transcender a visão da Revelação divina como movimento unilateral ocupando-se de uma hermenêutica da

imagem de Deus. Contudo, a teologia cristã continua a entender, mesmo que de maneira dialógica, que Deus e sua relação com a humanidade constituem a origem do pensamento teológico.

O teólogo Adolphe Gesché (2003) entende que ao produzir Teologia, o teólogo não se limita a assuntos do âmbito eclesial. Antes, ele visita temáticas pertinentes a todo ser humano, em uma tentativa de “pensar a vida” (GESCHÉ, 2003, p. 8). Para o teólogo, a produção teológica não obedece unicamente a um interesse confessional, mas a um interesse antropológico ou ainda existencial. Ainda na perspectiva da Teologia que vai para além da confessionalidade, encontramos David Tracy que entende a Teologia como um discurso social e público (2006, p. 21).

Mas, é na leitura dos teólogos brasileiros João Batista Libanio e Afonso Murad (1996) que encontraremos a perspectiva que mais nos interessa no entendimento de sua diferença frente o saber constituído pela Ciência da Religião. Para estes autores a Teologia é um saber que busca oferecer uma diretriz à comunidade cristã (LIBANIO; MURAD, 1996, p. 53). Podemos, então, entender a Teologia como produção de cunho epistemológico-acadêmico que, baseado na hermenêutica da história cristã, busca oferecer diretrizes ao cristianismo, seja o vivido nas comunidades eclesiais, seja o pensado na doutrina, moral ou entendimento bíblico, que é responsabilidade da instituição.

Também são muitas as definições do que seria a Ciência da Religião, variando ao longo dos anos desde a criação dessa ciência no final do século XIX por Max Müller (1882) até hoje. Em termos históricos, isso é discutido com profundidade, em inglês, por Eric Sharpe (1975), Jacques Waardenburg (1999 [1973]), e Walter Capps (1995), e existem também as traduções ao português de M. Eliade (1989) e K. Hock (2010). Sobre a história da área no Brasil, ver Eduardo Gross (2012). Neste texto, utilizamos a definição, bastante direta e completa, de tipo ideal, formulada por Frank Usarski (2013, p. 51) sobre o que seria essa ciência:

O termo Ciência da Religião refere-se a um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais.

Ressaltamos o objeto de estudo da Ciência da Religião segundo o autor supracitado: as *religiões concretas*. Por “concretas”, buscou chamar a atenção para a necessidade de estudo de algo empiricamente observável – ou seja, pessoas ou objetos físicos, que possam ser auscultados pelos cinco sentidos. Percebam que esta formulação se afasta de noções de objeto de estudo mais comuns a essa área no Brasil, como “o fenômeno religioso”, “o sagrado”, “o transcendente” e afins. A nosso ver, uma forma mais clara de dizer, ainda mantendo a linha de raciocínio da definição escolhida, é que o objeto dessa ciência são expressões empíricas do que pode ser entendido teoricamente como religiões.

Estas duas conceituações, do que é Teologia cristã e o que é Ciência da Religião, bem como quais são seus respectivos objetos específicos, constituem-se a base para o nosso estudo. Estes são os critérios para analisar o que estaria mais próximo ao ideal do que deveriam ser as produções de cada área. Bem como, é nosso fundamento para entender o que exatamente essas áreas estudam, e qual a abordagem que constituem.

2.2. Semelhanças entre as duas áreas no Brasil

É importante ressaltarmos que nosso objetivo é entender a relação entre Ciência da Religião e Teologia, considerando suas distinções, imbricações e confusões, na realidade brasileira. Não faremos uma discussão epistêmica, nem uma explanação sobre essa relação em nível mundial, o que se tornaria inviável dentro do espaço e objetivo proposto. Para tanto partiremos das semelhanças entre as duas áreas no Brasil.

A ausência de cursos de mestrado ou doutorado de determinadas religiões ou mesmo a falta de empatia com a linha teológica dos cursos de pós-graduação em teologia por parte de teólogos cristãos faz com que os programas de Ciência da Religião sejam procurados para legitimar academicamente estudos teológicos. Esses pesquisadores terminam por pesquisarem sua própria religião ou, mesmo que pesquisem outra, podem ocorrer no erro de pesquisá-lo tendo como parâmetro a religião do

pesquisador. Essas características são elencadas por Greschat (2005, p. 155) e, em partes questionadas por Soares (2012, p. 226).

Comumente encontrarmos nas academias um conceito de religião formulado na perspectiva cristã, sobretudo católica romana. Na academia as áreas têm ampla intersecção, utilizando bibliografias afins. Muitas vezes teólogos são utilizados como referencial teórico em pesquisas de Ciência da Religião e mesmo a perspectiva de análise não são distintas.

Sumariamente, poderíamos elencar três características nas quais as duas áreas se assemelham: (a) a maioria dos cientistas das religiões carrega consigo a perspectiva de religião, especialmente a noção de sagrado, aproximando-se de abordagens e noções teológicas; (b) teólogos e cientistas das religiões têm a tradição cristã, normalmente católica romana, como referência; (c) uso comum de bibliografia implicaria no mesmo entendimento do que é religião.

2.3. Diferenças entre cientistas das religiões e teólogos

Em texto de 2011, Steven Engler identifica, no cenário canadense, diferenças entre a Teologia e a Ciência da Religião não somente no que diz respeito à concepção epistêmica, mas também nas organizações institucionais, sendo organizados em programas separados e com distintos professores. No cenário brasileiro tais distinções são menos evidentes, segundo este autor.

Mas se Engler (2011, p. 230) afirma que a Teologia estuda o mundo espiritual, na realidade da produção teológica brasileira não acontece bem assim. A Teologia na América Latina, diretamente influenciada pela Teologia da Libertação, não se ocupa da lógica do mundo espiritual e tampouco estuda Deus. A Teologia faz uso dos mesmos instrumentos da Ciência da Religião como a Antropologia, a Sociologia ou a Filosofia e poderíamos citar tantos outros instrumentos de análise da religião. Tal equiparação nos faz buscar uma maior precisão de análise.

Como diferenciar um cientista das religiões de um teólogo?

A Teologia não se diferencia da Ciência da Religião propriamente por seus métodos, objetos de estudo ou referenciais de análise. Ela se diferencia,

sobretudo, pela intencionalidade com a qual produz conhecimento. A Teologia visa oferecer subsídios para sua comunidade de fé ou para a instituição eclesial à qual pertence. Sendo assim, seja o moralista, o biblista ou o teólogo da área de sistemática, quer oferecer novos parâmetros para que o cristão possa viver sua fé. O cientista das religiões produz para oferecer conhecimento à comunidade civil, assim como faz, pelo menos em sua intencionalidade ideal, toda a academia.

A segunda diferença que encontramos é que dificilmente um teólogo cristão estuda outras religiões. Quando o faz, sua intenção é a prática ecumênica ou inter-religiosa³ ou, em casos de teólogos mais tradicionais, é de deslegitimar a religião alheia⁴. O cientista das religiões estuda várias religiões, pelo menos assim se espera daquele que se entende dentro da Ciência da Religião. Mesmo que os cientistas das religiões não estudem várias religiões, no escopo da área, encontramos produção mais variada que de teólogos.

Em resumo: (a) enquanto o teólogo escreve, principalmente, visando um retorno a sua comunidade de fé e ação pastoral, o cientista das religiões busca oferecer seus estudos para a comunidade acadêmica e sociedade em geral; (b) cientistas das religiões têm mais interesse no estudo de várias religiões, enquanto os teólogos têm interesse quase exclusivo em temas cristãos.

2.4. Tipologia de abordagens: *tipo teológico, tipo criptoteológico, tipo prototeológico, tipo pseudo ciência da religião e tipo Ciência da Religião*

Segundo Carlos Bertero (1981, p. 32-33), podem-se compreender dois tipos de tipologia em ciências sociais, um de tendência mais idealista ou racionalista, como de Max Weber (1864-1920), e outro mais realista ou empirista, como de Joan Woodward (1916-1971). Seguimos essa última forma, que busca agregar, em tipos, dados empíricos observados. Assim, é uma tipologia que somente é possível após observação de vários dados.

³ Cf., por exemplo, a tese e outros trabalhos do doutor em Teologia Volney José Berkenbrock sobre temas relacionados ao Candomblé e sobre o Pentecostalismo latino americano.

⁴ Cf., por exemplo, materiais teológicos sobre *seitas* e sobre *heresias*, como o livro *Seitas e Heresias: um sinal do fim dos tempos* de Reimundo de Oliveira (Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002), em que há críticas a várias religiões diferentes.

Essa perspectiva é útil especialmente diante do número de produções em eventos em Ciência da Religião ser muito grande, pois, em um único evento, há sempre dezenas e até centenas de comunicações, além de Grupos de Trabalho (GT), mesas e palestras. E, após observar vários eventos, selecionamos expressões mais claras sobre cada um dos tipos que trabalhamos. Nesse sentido, essa pesquisa – ainda somente qualitativa – fornece fundamento para uma futura pesquisa de caráter quantitativo de produções dessa área de conhecimento. Destarte, um posterior estudo de grande escala pode, inclusive, falsear ou confirmar a nossa tipologia, visto que ela visa descrever à realidade dentro dos limites possíveis e contextuais estudados – lembrado que a vida é sempre mais complexa do que escrevemos sobre ela.

Lembramos, ainda, que, para efeitos didáticos, mostramos aqui o resultado da formulação teórica bibliográfica e empírica antes de mostrar exemplos das produções, de forma que nossa escrita inverte nosso método de observação seguida de classificação tipológica. Dado essa explicação, vamos aos tipos que levantamos e criamos ao observar as produções. A seguir, vamos detalhar sobre cada um dos tipos possíveis encontrados de produções de teólogos e cientistas das religiões em eventos acadêmicos no Brasil.

Sendo religiões objetos de estudos complexos, é natural que haja muitas formas de abordá-la. Há formas conscientes e escolhidas teoricamente para analisar esses e outros objetos, como abordagens sociológicas, psicológicas ou culturalistas, bem como explicitamente da Ciência da Religião, como a histórico-comparativa, e da Teologia, como a sistemática. Já é bem conhecida também a existência de abordagens que confundem ou escondem suas intenções, objetivos e até pressupostos. É o caso de abordagens *criptoteológicas*, *prototeológicas* (cf. ENGLER, 2004; CRUZ, 2013) e o que chamamos de *pseudo ciência da religião*.

Etimologicamente, o termo *cripto* vem do grego *kruptós*, e significa oculto, implícito, secreto ou escondido, por exemplo, criptojudeu, que é aquele que pratica o judaísmo de forma secreta/escondida socialmente. Utilizando desse sentido, há décadas autores dentro da Ciência da Religião têm criticado posturas que entendem estarem mais próximas de Teologias cristãs, e as

chamam de *criptoteologia*, ou seja, Teologia oculta ou implícita presente em produções da Ciência da Religião. Instrumentalizando o conceito, quando uma produção ou autor que se coloca explicitamente como cientista das religiões utilizar de uma abordagem que, implicitamente, tem pressupostos, afirmações ou consequências teológicas, trata-se de *criptoteologia*.

O termo *proto* revela ideias de anterioridade ou situações iniciais, por exemplo, a proto-história da China seria o momento inicial da história dessa civilização. Aplicado ao nosso debate, críticas a algumas posturas, sobretudo de corte fenomenológico e, especialmente, de Mircea Eliade, foram vistas como sendo uma teologia em seu estado inicial – como é caso da ideia de “hierofania”. Dessa forma, foge do escopo secular e ético da Ciência da Religião. Para instrumentalizar, quando uma produção ou autor que se coloca como cientista das religiões usar de uma já observável, ou que tenha por consequência, aceitação de elementos metaempíricos em sua visão, próximo de uma teologia rudimentar, pode ser chamada de *prototeologia*.

Como indicado, estes termos citados já existem há décadas e são usados por vários autores (cf. ENGLER, 2004; CRUZ, 2013). Contribuindo ao debate, pensamos um novo termo que explica outras situações: *pseudo ciência da religião*.

Vemos dois sentidos possíveis ao termo pseudo nessa discussão: (1) uma produção que apesar de acontecer na ou explicitamente como Ciência da Religião, tem intuito teológico, utilizando da Ciência da Religião para produzir Teologia (ou outras áreas/perspectivas); o que não deve ser confundido com a noção de (2) pseudociência, que é qualquer produção que se diz ciência (inclusive das religiões), mas não segue métodos nem posturas científicas legitimadas. Instrumentalizando, o termo *pseudo ciência da religião* pode ser aplicado a autores e produções que, apesar de afirmar fazer Ciência da Religião, somente utiliza fontes de outras áreas, como da Teologia. Bem como seria *pseudo ciência da religião* produções e autores que dizem praticar Ciência da Religião, quando na verdade ignoram o rigor científico e buscam validar pressupostos que fogem da materialidade acadêmica.

3. Apresentação e discussão dos dados no Brasil: elementos de cada tipologia em eventos acadêmicos de Teologia e Ciência da Religião

Após a apresentação das referências teóricas para pensar a produção, vamos agora levantar e analisar exemplos de materiais empíricos. Ainda tornou-se necessário acrescentar breves discussões teóricas, mas somente pontualmente. Escolhemos uma abordagem qualitativa, utilizando dos tipos aproximativos desenvolvidos em todo segundo tópico deste texto como modelo de análise do nosso objeto de estudo: produção recente de teólogos e cientistas das religiões em eventos no Brasil. Isso significa que descrevemos e até criamos tipologias, mas estudos quantitativos podem, futuramente, mostrar casos mais específicos, ou comparações mais detalhadas. Nossa contribuição, a seguir, é criar critérios de pesquisas sobre a distinção entre Teologia(s) e Ciência da Religião de mais tangível, podendo ser aplicado e replicado em mais contextos similares.

Para escolher quais exemplos de produções em eventos científicos utilizar, pensamos nos seguintes critérios de escolha: (a) serem recentes, preferencialmente dos últimos 5 anos; (b) ser eventos clara e/ou explicitamente de uma área específica – e, quando for duplo, pensar somente sobre a área predominante; (c) e estar disponível virtual e/ou publicamente.

3.1. Elementos do *tipo teológico*

Os elementos do *tipo Teológico* não se confundem com a Ciência da Religião. Institucionalmente, as pesquisas em Teologia são desenvolvidas em institutos próprios historicamente distintos. Atendo-nos à realidade brasileira, a primeira graduação em Ciência da Religião ocorreu na UFJF de 1969 até o final da década de 1970 (TEIXEIRA, 2012). O primeiro Programa de Pós-graduação em Ciência da religião é fundado na Pontifícia Universidade de São Paulo, em 1978. A fundação dos institutos de pesquisa teológica antecedem a este período. A Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, posteriormente reintegrada à PUC-SP, foi fundada em 1946. Mesmo não sendo aprovada pelo MEC, chamada de eclesiástica, a pós-graduação em Teologia

existia concomitantemente ao curso de graduação e, em 2002, será reconhecido pelo MEC e em 2009 incorporado à PUC-SP⁵. O Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio data sua fundação em 1972, sendo sua graduação ainda mais antiga, fundada em 1968.

Se os programas de graduação e pós-graduação em Teologia são anteriores aos de Ciência da Religião, não se trata aqui de dizer que a Teologia se apropria de epistemologias e métodos próprios da Ciência da Religião, mas de identificar o que é próprio da Teologia para, posteriormente, identificarmos as confusões e intersecções.

Podemos identificar um estudo de tipo teológico, basicamente, a partir de três características. (1) a produção de tipo *Teológico* tem bases na Revelação; (2) sua fundamentação é bíblica. Assim, a lógica da leitura bíblica serve de normativa para o pensamento teológico. (3) Finalmente, percebe-se que o tipo teológico busca oferecer diretrizes para a comunidade de fé.

Ao analisar a produção teológica podemos fazer algumas ressalvas. Há variados modos de entendimento conceitual da Revelação. Mas, se parte de uma existência ontológica de Deus, mesmo que o relacionamento com o Deus cristão possa acontecer num movimento dialético. A mesma ressalva abarca a leitura bíblica. Existem vários métodos de leitura bíblica que ultrapassam o fundamentalismo daqueles que fazem uma leitura literal das Escrituras cristãs. Mas os vários métodos, como é o caso do Método Histórico Crítico, não prescindem de tomar a Bíblia como base de sua produção.

Não distinguiremos aqui as várias linhas de conhecimento que existem dentro da Teologia. Sabemos que existem diversos métodos e tendências de produção teológica. Basicamente encontramos diferenças se, por exemplo, uma Teologia católica ou evangélica fala sobre a figura de Maria. Também encontramos diferenças da produção teológica da libertação, tanto católica como evangélica, de uma mais tradicional. Porém, aqui não nos ateremos a estas diferenças, visto que elas não prescindem das três características elencadas anteriormente: Revelação, Bíblia e produção à comunidade de fé.

⁵ Não existe muita bibliografia ou mesmo documentação sobre a criação da Faculdade de Teologia N. Sra. Da Assunção e sua relação com a PUC-SP. Ela é criada em 1946, denominada como Pontifícia em 1948, ainda como faculdade eclesiástica. Algumas poucas informações podem ser encontradas em Passos; Vasconcellos (2002).

Dois congressos nos trazem produção com características do tipo teológico: o Congresso da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciência da Religião) que acontece anualmente da cidade de Belo Horizonte, MG, e o Congresso da EST, Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, situada na cidade de São Leopoldo, RS. Ambos os congressos são internacionais e contam com projeção acadêmica da produção teológica nacional.

Alguns GTs (grupos de trabalho) do Congresso da SOTER expressam temáticas e metodologias próprias do fazer teológico. O GT 1 da SOTER, “Teologia(s) da libertação (TdL)” é um dos maiores tradicionais GTs do Congresso e traz uma temática assumidamente teológica. Um de seus organizadores é o teólogo Benedito Ferraro (PUC-Campinas). O GT não trata unicamente do estudo sobre a TdL, mas de um estudo teológico na perspectiva e metodologia próprias da TdL. Também o GT 3, de “Exegese e Teologia Bíblica”, traz estudos em perspectivas teológicas. Ele se diferencia de um estudo sobre textos sagrados, próprio da Ciência da Religião. Por mais que assumam métodos muitas vezes utilizados nos estudos de textos sagrados, situados em outras áreas do conhecimento, inclusive na Ciência da Religião, a perspectiva dos biblistas é confessional. Por fim, podemos elencar o GT 7, “Espiritualidade e mística”. Se para a Ciência da Religião, o conceito *mística* é ambíguo e inconsistente, pela própria dificuldade de identificar os sujeitos místicos, para a Teologia, o mesmo termo é facilmente entendido e identificado.

Nos últimos tempos a temática geral dos congressos tem pendido para a Teologia, muito mais que para a Ciência da Religião. Em 2016 a temática foi pneumatológica, assumindo o slogan “Tempos do Espírito: inspiração e discernimento”. Em 2015 temos uma temática mais híbrida: “Religião e espaço público: cenários contemporâneos”. Contudo a mesa de abertura, com conferência do teólogo Pedro Trigo, tratou da idolatria no espaço público, o que entendemos ser uma perspectiva teológica.

A SOTER é um organismo conjunto entre Ciência da Religião e Teologia, e, por mais que, nos últimos tempos, a Teologia tenha ocupado um maior número de conferências e temáticas gerais, não vemos como

ambiguidade o exercício da Teologia neste ambiente. Mesmo não sendo a problemática de nossa pesquisa, inquieta-nos a ausência de cientistas das religiões no exercício de sua função nos congressos da SOTER.

A Faculdade de Teologia EST tem se despontado no cenário teológico brasileiro atual. Desde 2013 encontramos registros em sua página na internet de congressos realizados. Na edição deste ano, o congresso contou com a temática “O fazer evangelizador com as juventudes - desafio para a Teologia e para a Igreja”. Evangelizar é um termo próprio do cristianismo para identificar sua ação junto à sociedade ou à comunidade cristã.

Na edição de 2014, o congresso trouxe como temática “Cultura, Mídia e Religião”, na edição de 2015, a temática “O fazer teológico e os direitos humanos em diálogo com outras vozes” (em parceria com outras instituições teológicas) e em 2016, “Reforma: Tradição e Transformação”. Mesmo quando traz a temática da mídia, a Teologia quer entender este instrumento como forma de facilitar o trabalho de evangelização. Aqui não se trata de trazer a legitimidade ou não do pensamento teológico, mas de identificar suas principais características. Só assim poderemos entender as imbricações e intersecções entre Teologia e Ciência da Religião.

3.2. Elementos do *tipo Ciência da Religião*

O *tipo Ciência da Religião* retrata produções que se afirmam explicitamente como expressão da Ciência da Religião e de fato apresentam características historicamente atribuídas a esta ciência. Antes de apresentar essas características, é preciso lembrar, na direção apontada por Cruz (2013), que a Ciência da Religião no Brasil ainda tem por fazer um “trabalho epistemológico” para esclarecer sua singularidade diante da Teologia (sobretudo, Teologia da Libertação), da Filosofia da Religião, e de outras Ciências Sociais. Para isso, a “atenção ao que ocorre(u) em outros países torna-se pré-condição para o sucesso desse trabalho” (CRUZ, 2013, p. 46).

Em nosso ver, para efetivar a proposta anterior, um movimento de antropofagia cultural é necessário, ou seja, nutrir-se da virtude de outras experiências teóricas de diversos ambientes culturais, tornando-as nossas por

uma recepção singular. Por isso, primeiro trataremos das particularidades da Ciência da Religião em seus contextos mais bem estabelecidos institucionalmente e/ou epistemologicamente.

Elencamos as seguintes características próprias dessa área: (1) deve-se trabalhar com fontes materiais como objeto de pesquisa, preferencialmente de forma comparativa (MÜLLER, 1882, p. 20); (2) de maneira paradigmática, entende-se a subdivisão entre Ciência da Religião histórica (ou empírica) e Ciência da Religião comparativa (ou sistemática) desde 1924, como sistematizado por Joachim Wach, e que se tornou a base da formação clássica de seus estudantes, que deveriam conhecer a história específica de várias tradições, se especializando histórica e filologicamente em uma(s), e ser capaz de compara-las, e, nas últimas décadas, a noção de Ciência da Religião Aplicada ou Ciência Prática da Religião entraria como terceira subdisciplina (JENSEN, 2002, p. 398; HOCK, 2010, p. 31; TWORUSCHKA, 2013); (3) busca seguir a postura acadêmica de agnosticismo metodológico – de distanciamento, nem negando e nem afirmando visões de mundo religiosas, mas somente tratando do que for empiricamente e humanamente observável – ou, em outras palavras, segue perspectivas éticas⁶ e não êmicas (USARSKI, 2013, p. 51; MCCUTCHEON, 1999, p.15-19).

Já em contexto nacional, sabemos que a história da Ciência da Religião é singular. Suas origens institucionais foram fruto da convergência de ideias e pesquisadores advindos da Teologia e das Ciências Sociais, com mais força da Teologia da Libertação (cf. CAMURÇA, 2008; GROSS, 2012). Também há uma recepção forte da corrente teórica da fenomenologia clássica da religião, paradigmática na Ciência da Religião do início até o final do século XX, em especial de R. Otto e M. Eliade (USARSKI, 2004; BRANDT, 2006; CRUZ, 2013). Por essas e outras questões, como o fato da maioria dos docentes não ter formação específica na área, também se aponta certa falta de identidade, ainda que a área tenha crescido institucionalmente e em número de produção nos últimos anos (ENGLER, 2010).

⁶ Não confundir o termo “éticas”, em *perspectivas éticas*, com o termo “ética” da filosofia. Aqui, o termo “ética” vem da linguística “fonética”, e faz par com “êmico”, que vem de “fonêmico”. Basicamente, êmico é o ponto de vista de alguém interno a um sistema cultural, e ético é um ponto de vista externo ao sistema cultural em questão. Percebam que se trata da visão, e não se *ser* de dentro ou de fora (cf. MCCUTCHEON, 1999, p.15-19).

Tendo tudo isso em vista, em especial o aviso de Cruz (2013), utilizaremos dos critérios mais clássicos de características dessa área, considerando também a recepção particularmente brasileira. Em nossa observação, vários elementos do evento CONACIR (Congresso Nacional de Graduações e Pós-Graduações em Ciência(s) da(s) Religião(ões)) são emblemáticos das produções de *tipo Ciência da Religião*. Sendo uma continuação da Semana de Ciência da Religião do curso de pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), o evento foi expandido também para os/as graduandos/as da mesma área e transformado em evento nacional.

Vejam os alguns elementos encontrados no CONACIR que se enquadram no *tipo Ciência da Religião*. Em seus GTs, aprovados pela organização do evento e que também obtiveram os inscritos suficientes, é observável temas claramente envolvidos com a estrutura da subdivisão interna da Ciência da Religião. Seguem exemplos, para Ciência da Religião Sistemática: “GT 01 - As Diferentes Abordagens do Conceito de Espiritualidade nas Ciências das Religiões”, “GT 04 - História e Religião: Métodos e Metodologias na Abordagem de Fenômenos Religiosos”, e “GT 07 - Arte, Gênero e Religião”; para Ciência da Religião História/Empírica: “GT 12 - Protestantismo e Modernidade” e “GT 21 - Religiões e Tradições Asiáticas”; e para Ciência da Religião Aplicada: “GT 06 - Interfaces entre Ciência(s) da(s) Religião(ões) e Ensino Religioso” e “GT 05 - Religião, Educação e Arte: Práticas Escolares em Prol do Respeito à Diversidade”.

A partir dos títulos e ementas dos GTs aprovados, é notável que os outros critérios da presente tipologia (uso de fontes materiais e postura distanciada) são respeitados. Há uma coerência entre teoria e prática de pesquisa, pelo menos, especificamente dentro dos títulos observados, evidenciando a busca e esforço em realizar o evento dentro das regras acadêmicas seculares gerais e próprias dessa área.

Também o evento I Semana Acadêmica de Ciências das Religiões, promovido na UFPB (Universidade Federal da Paraíba) em 2015, é recheado de elementos do *tipo Ciência da Religião* em suas produções. Também seus GTs apresentam a estrutura interna da Ciência da Religião: (de Ciência da

Religião Sistemática) “GT 4: Ética nas religiões: diálogo e confluências sobre as relações com o outro” e “GT 7: Estudo comparado das religiões”; (de Ciência da Religião História/Empírica) “GT 5: Religiões e filosofias da Índia e extremo oriente” e “GT 2: Imaginário, esoterismo ocidental e novos movimentos religiosos”; (de Ciência da Religião Aplicada) “GT 1: Discussões curriculares do ensino religioso em Ciência(s) da(s) Religião(ões): uma abordagem no contexto atual”. Novamente, a lógica da Ciência da Religião foi aplicada na estruturação do evento através dos seus participantes e organizadores/as.

Destacamos também o desenvolvimento da subdivisão disciplinar mais recente da área, a Ciência da Religião Aplicada no Brasil. Na I Semana Acadêmica de Ciências das Religiões da UFPB, o tema central foi “Diversidade, Liberdade Religiosa e Direitos Humanos”. Por consequência, a programação mais central do evento, conferências e mesas, buscaram mostrar como a Ciência da Religião poderia contribuir nessas questões sociais. No único mestrado profissional da área, na FUV (Faculdades Unidas de Vitória), em todas as edições Simpósio do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, que ocorre desde 2014, foi ofertado o ST (Seminário Temático) “Ciências das Religiões Aplicadas”. Estes seriam, então, exemplos de produções da área que podem ser vistos como expressões do *tipo Ciência da Religião*.

3.3. Elementos do *tipo prototeológico* e do *tipo criptoteológico*

Ao contrário do *tipo Ciência da Religião*, os tipos *prototeológico* e *criptoteológico* são produções apresentadas como Ciência da Religião, seja explicitamente, seja por estarem publicados em contextos dessa ciência, mas apresentam fortes características teológicas (normalmente, cristãs). Iniciaremos pelo tipo *prototeológico* – que contém elementos que propiciam uma possível visão teológica.

O Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC-GO é um evento que acontece numa frequência anual, normalmente, e que tem se tornado tradição da Ciência da Religião dessa universidade. Em sua versão VIII (8ª), de 2016, o tema geral foi “Religião, Saúde e Terapias Integrativas”, o que

pode ser visto como produção do tipo Ciência da Religião. No entanto, os temas das suas mesas se aproximam de outra tipologia.

A mesa “Cuidado de si: alívio à dor, restauração integral e sentido do ser na experiência religiosa”, por exemplo, estaria muito próximo do que Engler (2004) aponta como uma prototeologia. Em uma palestra no XII Simpósio Nacional da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões), no dia primeiro de junho de 2011, na UFJF, o mesmo pesquisador contestou fortemente o uso da categoria “experiência religiosa” como sendo pouco instrumentalizável, bem como, muito essencialista. Seu argumento central é que, no máximo, poderíamos apontar experiências que consideramos, teoricamente, religiosas. Assim, a mesa em questão apresenta, ainda que pouco desenvolvida, uma visão teológica.

Na mesma universidade onde Engler teceu a crítica supracitada, a UFJF, promoveu o evento “2ª Semana de Ciência da Religião: Experiência(s) Religiosa(s), Cultura(s) e Modernidade(s)”. Como já dito, trata-se do evento anual que deu base ao CONACIR. Novamente, a noção de experiência religiosa é usada, agora, já no título do evento. O que marca essa tipologia é justamente a situação ambígua, que se pode observar quando os termos “cultura” e “modernidade” aparecem ao lado de “experiência religiosa”. O elemento prototeológico não chega a ser propriamente Teologia, mas foge ao rigor dos critérios que levantamos para ser Ciência da Religião.

Já o *tipo criptoteológico*, a nosso ver, é levemente mais confessional em sua expressão. Aqui, não é uma potencial Teologia, como no adjetivo de prototeológico, mas exatamente uma Teologia escondida em algo que se divulga como não teológico. Outra mesa do VIII Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC-GO, de 2016, é emblemática: “Religião, doença e cura: a intervenção do sagrado e o retorno da magia”. É notável a problemática da terminologia adotada, quando diz a “intervenção do sagrado”. É possível interpretar que existiria “o sagrado”, como um ser ou coisa, e este faria intervenções em pessoas para curar ou imputar doenças. Visto dessa forma, uma teologia implícita da frase se torna mais clara.

O nome da mesa estaria dentro do que Cruz (2013, p. 38) denominou de “programa eliadiano de uma Ciência da Religião”, fazendo menção a ampla

difusão e aceitação dos escritos de M. Eliade no Brasil. Uma das características do “programa” de Ciência da Religião deste autor seria a “busca de elementos essenciais por detrás das manifestações históricas, basicamente elementos do sagrado (arquétipos) por detrás de suas hierofanias” (CRUZ, 2013, p. 39). A mesa em questão, em sua construção semântica, aponta justamente para essa procura por algo *detrás* da doença e da cura, que seria “o sagrado” ou “a magia”. A dificuldade gerada é que isso não é demonstrável ou simplesmente observável empiricamente, logo, escapa do rigor do agnosticismo metodológico e do uso de fontes materiais próprios da Ciência da Religião.

Somada a este questionável programa eliadiano de uma Ciência da Religião, também se observa o uso “inflacionário” do termo “sagrado” já denunciado na produção brasileira⁷ (USARSKI, 2004). Outro exemplo desse uso inflacionário estaria no título de outra edição da já citada Semana de Ciência da Religião, que, em sua terceira edição em 2014, foi “A Polissemia do Sagrado: Interfaces entre diferentes formas de conhecer e interpretar fenômenos religiosos”. Esse uso nada criterioso do termo sagrado mostra que pesquisadores/as da Ciência da Religião brasileira precisam se revisar constantemente sobre sua linguagem acadêmica, na busca de uma prática científica com cada vez mais qualidade. Caso contrário, pouco os diferencia das produções propriamente teológicas – o que é negativo no sentido específico da confusão e pouca clareza sobre o que a Ciência da Religião tem de específico para contribuir no mundo acadêmico.

3.4. Elementos do *tipo pseudo Ciência da Religião*

Diferente dos *tipos prototeológico* e *criptoteológico*, o *tipo pseudo Ciência da Religião* traz consigo características próprias daqueles que produzem Teologia, mas acontece em congressos específicos da Ciência da religião, confundindo os ambientes acadêmicos e as epistemologias. Como

⁷ Não é um caso somente brasileiro, podendo ser encontrado tais usos inflacionários do termo “sagrado” em todo mundo (na América do Norte, por exemplo, cf. Engler, 2004). Contudo, nosso contexto de discussão se resume no Brasil.

anteriormente trouxemos os conceitos de Teologia e Ciência da Religião não se faz necessária tal tarefa novamente.

Necessitamos de esclarecer nossa opção metodológica para nossa análise. Como o Congresso da SOTER e da ANPTECRE (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião) se constituem das duas áreas, não analisaremos suas falas e conteúdos. Os discursos teológicos não poderiam ser identificados como uma pseudo Ciência da Religião, pois se situam em ambientes onde a produção teológica é assumida.

Em sua edição de 2016, o Congresso de Ciência da Religião da PUC-GO trouxe alguns GTs que podem ser identificados a partir do tipo pseudo Ciência da Religião. Exemplo é o GT 1 “Literatura bíblica deuterocanônica e apócrifa”, coordenado, entre outros, pelo teólogo biblista Me. Jacir de Freitas Farias, professor do Instituto Teológico Santo Tomás de Aquino, de Belo Horizonte, MG. Longe de querer deslegitimar tal trabalho, antes queremos identifica-lo como teológico. Isso porque, a ementa do GT diz que um de seus objetivos é contribuir “na construção da identidade das Igrejas e dos grupos cristãos”. Ora, se instruir comunidades cristãs é um dos objetivos da Teologia, e se o Congresso citado é de Ciência da Religião, entendemos tal proposta como uma pseudo Ciência da Religião.

A mesma característica se mostra no GT 3 do mesmo congresso, intitulado “Paulo Apóstolo e as tensões sociais, de gênero e religiosas e a escravidão análoga no Brasil de hoje” ao trazer como um de seus objetivos, “olhar o Paulo Apóstolo e o seu envolvimento transformador em vários segmentos da sociedade da época”. Assim, o trabalho do apóstolo se torna parâmetro do agir cristão ainda hoje. Não seria esse o objetivo da Teologia, oferecer diretrizes para o agir das comunidades? Tratando-se assim, o GT de uma pseudo Ciência da Religião.

A nosso ver a pseudo Ciência da Religião pode se fundamentar em duas situações distintas. A primeira, na necessidade de legitimação acadêmica por parte de líderes religiosos ou teólogos das religiões que não contam com instituições acadêmicas, principalmente com Programas de Pós-graduação. Neste caso, alguns pesquisadores/as e grupos tornariam a Ciência da Religião

ambiente de sua legitimação acadêmica – sejam líderes cristãos que tenham a necessidade desse tipo de reconhecimento acadêmico, seja membros e pesquisadores/as de Teologias de outras tradições, como da Teologia Umbandista ou da Teologia Messiânica⁸.

No caso da Teologia cristã, percebemos a presença de teólogos, ou de igrejas sem instituições de ensino, que obedeceriam à mesma lógica citada acima, de legitimação acadêmica de seus estudos teológicos, ou de teólogos que seguem linhas de pensamento diferente das assumidas pelas instituições religiosas à qual pertencem. Isso se aplica a biblistas com métodos de leitura bíblica menos convencionais ou mesmo teólogos da libertação que não encontram espaço na Igreja Católica, por exemplo.

Em todo caso, mesmo que legítima, a produção de tais teólogos não se trata propriamente de uma pesquisa que esteja nos parâmetros da Ciência da Religião, e sim de um pensamento identificado como teológico. O tipo pseudo Ciência da Religião constitui-se assim como um equívoco epistemológico e metodológico, visto que não pode ser identificado como Ciência da Religião.

4. Conclusões

Dentro de um debate mais amplo sobre as relações, confusões, diferenças e semelhanças entre Teologia e Ciência da Religião, nosso principal objetivo foi refletir sobre critérios para caracterização da singularidade da produção de pesquisadores/as dessas áreas. Para tanto, nossa metodologia foi levantar e criar tipologias sobre o que seria cada uma dessas áreas, e o que seria uma produção ambígua. Assim, os tipos são aproximativos da realidade, e fazem parte do recorte específico do que desenvolvemos na análise, sendo que a realidade em si é muito mais complexa.

Nossa pergunta central foi: o que diferencia as produções de teólogos e de cientistas das religiões em seus eventos? Retomando a hipótese inicial da pesquisa, havíamos dito que os entendimentos do objeto e da metodologia

⁸ Entendendo que alguns leitores possam não conhecer essas teologias, indicamos instituições onde são estudadas e produzidas tais estudos: (1) F.T.U. (Faculdade de Teologia Umbandista), e (2) Faculdade Messiânica, ligada a religião japonesa Igreja Messiânica Mundial, conhecida também como Johrei. Ambas existem atualmente na cidade de São Paulo.

próprios de cada um dessas duas áreas têm impacto direto na sua produção. Depois de toda discussão, corroboramos com essa ideia, acrescentando que, pelo menos a partir do material discutido nos exemplos, nas produções dessa área a visão sobre o que é Ciência da Religião muitas vezes se confunde com Teologia, enquanto as produções de Teologia têm mais clareza sobre seu objeto e metodologia.

A partir da discussão de toda terceira parte, entendemos que um olhar histórico e conceitual sobre *o que* seria cada área mostrou as singularidades de cada uma delas – suas intenções, objetivos, objetos de estudo, e estruturas internas. Também é importante um olhar mais internacional para o que ocorre com essas áreas em todo mundo, respeitando as particularidades brasileiras delas.

Temos ressaltado o que existe de singular em cada área, contudo, sabemos que cada uma tem uma pluralidade interna constituída não só histórica como localmente. Isso significa que um só evento pode apresentar mais ou menos expressões de um tipo, e, ainda sim, conter produções que se encaixam em outras tipologias que tratamos. Isso só reafirma a pluralidade teórica e metodológica dos participantes dessa área, bem como a forma como se entendem e realizam suas pesquisas. Apesar disso, nos é claro que Ciência da Religião e Teologia (falamos principalmente, mas não somente, da cristã) não são a mesma coisa, e esperamos que as tipologias expostas ajudem a criar critérios para se compreender o que as distingue. Assim, tanto o respeito a cada uma das áreas é mais possível, bem como diálogos mais frutíferos podem ser feitos, evitando confusões e ingenuidades que mais atrapalham do que ajudam.

Referências

BERTERO, Carlos Osmar. **Tipologias e teoria organizacional**. Revista de Administração de Empresas, v. 21, n. 1, 1981, pp. 31-38.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

BRANDT, Hermann. **As ciências da religião numa perspectiva intercultural: a percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha**. Estudos Teológicos, v. 46, n. 1, 2006, pp. 122-151.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAPPS, Walter. **Religious Studies: The making of a discipline**. Minneapolis-EUA: Fortress Press, 1995.

CRUZ, Eduardo R. **Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião**. In: João Décio Passos; Frank Usarski. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 37-49.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. Trad. Teresa Louro Peres. Lisboa: Edições 70, 1989.

ENGLER, Steven. **Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes**. *Revista de Estudos da Religião*, v. 4, 2004, pp. 27-42.

ENGLER, Steven. **A distinção relativa entre a teologia e as ciências da religião**. In: de Oliveira, Pedro A. Ribeiro; de Mori, Geraldo (Org.). *Religião e Educação para a cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 229-241.

ENGLER, Steven. **Brazil**. In: ALLES, Gregory D. (Ed.). *Religious studies: a global view*. New York: Routledge, 2010, pp. 273-277.

GESCHÉ, Adolphe. **O mal**. Trad. de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003. (coleção Deus papa pensar)

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GROSS, Eduardo. **A Ciência da Religião no Brasil: teses sobre a sua constituição e seu desafio**. Em: OLIVEIRA, Kathlen Luana de; et al. (orgs.). *Religião, política, poder e cultura na América Latina*. São Leopoldo: EST, 2012, pp. 13-26.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

JENSEN, Tim. **O estudo das religiões na Dinamarca**. *Revista Imaginário (USP)*, n. 8, 2002, pp. 396-418.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MARQUES, Ângela Cristina Borges; ROCHA, Marcelo. **Memórias da fase inicial da ciência da religião no Brasil-entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antônio Gouvêa Mendonça**. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 2007, pp. 192-214.

MCCUTCHEON, Russell. **The insider/outsider problem in the study of religion: A reader**. A&C Black, 1999.

MÜLLER, Max F. **Introduction to the Science of Religion: four lectures delivered at the royal institution in february and may, 1870** [New Edition]. London-UK: Longmans, Green & Co., 1882 [original de 1870].

PASSOS, João Décio; VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Teologia na universidade: percursos e percalços**. Religião e cultura: São Paulo, v. 1, n. II, Jul./Dez. 2002. pp. 67-97.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana**. Tradução de Afonso Maria Ligorio Soares, São Paulo: Paulinas, 2010.

SHARPE, Eric J. **Comparative religion: A history**. London: Duckworth, 1975.

SOARES, Afonso Maria Ligório. **A transposição didática da pesquisa sobre religião no Brasil: ensino religioso e teologia**. Em: HUFF JR, Arnaldo Érico; RODRIGUES, Elisa (orgs.). Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012, pp. 225-245.

TEIXEIRA, Faustino. **O processo de gênese da (s) ciência (s) da religião na UFJF**. Numen, v. 15, n. 2, 2012, pp. 535-548.

TRACY, David. **A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo**. Tradução de Nélio Scheider. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006. (Coleção Theologia Publica)

TWORUSCHKA, Udo. **Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas**. Em: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013, pp. 577-588.

USARSKI, Frank. **História da Ciência da Religião**. Em: J. D. Passos; F. Usarski. (Org.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 51-61.

USARSKI, Frank. **Os enganos sobre o sagrado: uma síntese da crítica ao ramo “clássico” da Fenomenologia da Religião e seus conceitos-chave**. Rever: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 4, 2004, pp. 73-95.

WAARDENBURG, Jacques. **Classical Approaches to the Study of Religion: Aims, Methods and Theories of Research. Introduction and Anthology**. Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1999 [original de 1973].